



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

O deslumbramento como dois paradigmas distintos do impossível: um estudo da desigualdade entre os sexos ¹

Aline Brentini Junqueira

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3866-1715>

Psicóloga pela Universidade Federal de Catalão / UFCAT (Catalão, Goiás, Brasil)
Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás / UFG (Goiânia, Goiás, Brasil)
Universidade Federal de Goiás / Faculdade de Educação (Goiânia, Goiás, Brasil)
E-mail: alinebrentini@gmail.com

Renata Wirthmann Gonçalves Ferreira

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8320-912X>

Psicanalista
Pós-doutora em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro /
UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)
Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília /
UNB (Distrito Federal, Brasil)
Professora Associada do curso de graduação em Psicologia do IBIOTEC da Universidade Federal de
Catalão / UFCAT (Catalão, Goiás, Brasil)
E-mail: renatawirthmann@gmail.com

Resumo: Buscando investigar as consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos, podemos admitir a existência de traços dessas consequências na obra *O deslumbramento*, de Marguerite Duras, especialmente no que diz respeito aos dois personagens principais, Hold, do lado do masculino, e Lol, do feminino. Tomaremos, como gozo fálico, aquilo que Hold tem a dizer sobre Lol e seu impulso constante por "dizê-la", causando o que denominaremos deslumbramento, o qual constitui o sintoma masculino. Pois, para não ter de lidar com sua própria falta, o homem se ocupa da falta na mulher, de lhe oferecer semblantes. Se deslumbra por essa falta fálica e causa deslumbramento à mulher com os semblantes que oferece. A parceria sintomática entre um homem e uma mulher pela via do deslumbramento, ou, ainda, pela lógica fálica, entrega, portanto, ao portador do falo a responsabilidade de oferecer semblantes, ditos e discursos à sua parceira faltosa na partilha sexual. O termo "devastação" estaria presente para além da lógica fálica, quando o deslumbramento fracassa e evidencia os danos da permanência da mulher em uma posição de objeto sustentada por tais semblantes e ditos.

Palavras-chave: deslumbramento; devastação; partilha dos sexos; sexualidade feminina; sexualidade masculina.

Le ravissement qui représente deux paradigmes distincts de l'impossible: une étude de l'inégalité entre les sexes : Quand nous cherchons à comprendre les conséquences psychiques de la différence anatomique entre les sexes, on peut percevoir l'existence de traces de ces conséquences dans l'oeuvre *Le Ravissement de Lol V. Stein*, de Marguerite Duras, spécialement en ce qui concerne les deux personnages principaux, Hold, du côté masculin, et Lol, du féminin. Nous considérerons comme jouissance phallique ce que Hold a à dire sur Lol et son impulsion constante de "la dire", provoquant ce que nous appellerons ravissement, ce qui constitue le symptôme masculin. Alors, pour ne pas être confronté à son propre manque, l'homme s'occupe du manque chez la femme, lui offrant des semblants. Il est ravi par ce manque phallique et lui cause un ravissement par les semblants qu'il lui offre. Le partenariat symptomatique entre un homme et une femme par la voie du ravissement, ou encore par la logique phallique, fournit donc au

porteur du phallus la responsabilité d'offrir des semblants, des dits et des discours à sa partenaire incomplète dans l'échange sexuel. Le terme «ravage» sera utilisé pour expliquer ce qui est au-delà de la logique phallique, lorsque le ravissement échoue et montre les dommages de la permanence de la femme en position d'objet soutenue par ces dits et semblants.

Mots-clés: ravissement; ravage; échange sexuel; sexualité féminine; sexualité masculine.

The amazement as a representation of two different paradigms of the impossible: a study of inequality between sexes: While investigating the psychic consequences of the anatomical difference between sexes, we can perceive existing traces of these consequences in the work *The Ravishing of Lol Stein*, by Marguerite Duras. This happens especially as it refers to the two main characters, Hold, on the male side, and Lol, on the female side. We will consider as phallic enjoyment what Hold has to say about Lol and his constant impulse "to speak her," causing what we will call amazement which constitutes the male symptom. Thus, in order not to have to deal with his own lack, the man deals with the lack in the woman, offering her semblances. He is amazed by her phallic absence and causes the woman to be ravished by the semblances he offers her. The symptomatic partnership between a man and a woman by the means of ravishing, in phallic logic, gives the phallus bearer the responsibility to offer semblance, sayings, and speeches to his lacking partner in the sexual exchange. The word --ravage-- will be used to explain what is beyond the phallic logic, when the amazement fails and shows the damages caused to the woman's permanence in a position of objectification, supported by such semblances and sayings.

Keywords: amazement; ravage; sexual exchange; feminine sexuality; masculine sexuality.

O deslumbramento como dois paradigmas distintos do impossível: um estudo da desigualdade entre os sexos

Aline Brentini Junqueira & Renata Wirthmann Gonçalves Ferreira

Introdução ou tempo de ver

O presente artigo pretende investigar a questão da partilha dos sexos para a psicanálise a partir do livro *O deslumbramento*, de Marguerite Duras. Tanto sua obra quanto nosso percurso giram em torno dos dois personagens principais: Jacques Hold e Lol V. Stein. Toda narrativa do livro se estrutura a partir de um episódio definitivo na vida de Lol, ocorrido aos dezenove anos, quando ela sofre um arrebatamento. A cena se passa em um baile e se dá no instante em que Lol presencia seu noivo, Michael Richardson, desnudar o ombro de Anne Marie Stretter. Embora todo o livro se construa a partir da cena do baile, Duras escolheu Jacques Hold, que não faz parte da cena ou do baile, como narrador e decidiu por estruturar o enredo a partir de duas linhas narrativas. A primeira é uma narrativa inventada por Hold sobre Lol V. Stein com o objetivo de reconstruir, segundo o próprio narrador, “[...] os elos que me faltam [...]” (Duras, 1964/1986, p. 27). A segunda é marcada pelo esforço do narrador em descrever suas experiências com Lol, ou, ainda, em tentar decifrar Lol.

Esse esforço de Hold, de tentar dizer Lol, nos provoca a primeira questão deste artigo: tomando Hold como representante do discurso masculino e Lol, do feminino, o que os ditos de Hold sobre Lol nos permitem saber sobre o próprio Hold? Ao tentar dizer Lol, o que Hold apresenta ao leitor, na verdade, parece ser um saber mais sobre a questão da masculinidade que sobre Lol; ou seja, sobre o impacto do enigma da feminilidade sobre o discurso masculino.

De modo semelhante, a cena arrebatadora de Lol, do encontro entre Michael Richardson e Anne-Marie, conta-nos muito pouco sobre o amor entre esses dois personagens, mas explicita o insuportável do índice da falta fálica em Lol. O olhar de Lol sobre a cena materializa e eterniza o gesto de Richardson como o significante da existência ou da morte de uma mulher. Richardson olhava Anne-Marie Stretter, enquanto “Lol olhava-o, olhava-o mudar. [...] Quem o revisse assim percebia que nada, nenhuma palavra, nenhuma violência no mundo, teria impedido a mudança de Michael Richardson.” (Duras, 1964/1986, p. 11). Lol assistiu toda a cena, silenciosamente, como se o gesto de Richardson só existisse através do seu olhar que consumia, naquele gesto, sua própria existência. O olhar de Lol fazia nascer o gesto, enquanto o gesto fazia morrer Lol:

Aquele gesto não teria ocorrido sem ela: ela existe com ele carne a carne, forma a forma, os olhos selados em seu cadáver. Ela nasceu para vê-lo. Outros nasceram

para morrer. Aquele gesto, sem ela para vê-lo, morre de sede, pulveriza-se, cai, Lol está em cinzas. (ibid., p. 36).

Percebe-se, no decorrer da obra de Duras, que, após o baile, durante anos, Lol permaneceu congelada nessa cena, de modo que seu único desejo passou a ser o de reviver tal cena, na tentativa de encontrar algo capaz de tamponar o furo que o gesto lhe causou. Dez anos após a cena do baile, Lol inicia um relacionamento com Hold e encontramos, ao longo do livro, o esforço dela para reconstituir a cena do baile através de Hold como substituto para Richardson, e uma outra mulher, Tatiana, sua amiga de infância que lhe segurou a mão no baile, como substituta para Anne Marie Stretter. O que Lol quer descobrir a partir do olhar de Hold sobre outra mulher? O que Hold espera encontrar ao decidir participar da atualização de tal cena, da qual, originalmente, ele não fez parte? Lol parece querer, com tal atualização da cena, assistir novamente aquele olhar, significativo do desejo masculino, antes investido sobre Anne-Marie Stretter e, agora, sobre Tatiana. Por que Lol deseja repetir a cena do gesto que a destruiu?

Não demora muito tempo para Hold perceber o olhar imenso que Lol dirige a ele e o interesse por trás desse olhar: "Eu era o único a saber, por causa daquele olhar imenso, famélico, que ela havia dirigido para mim abraçando Tatiana, que havia uma razão precisa para sua presença aqui. Como isso era possível?" (Duras, 1964/1986, p. 58). Ele começa também a notar o olhar de Lol para Tatiana. É um olhar que remete Hold ao seu próprio desejo por Tatiana: "[...] lembro-me de minha cabeça envolvida em seus seios, ontem. Não sei o que Lol viu e, no entanto, a espécie de olhar que ela tem para Tatiana me faz lembrar disso." (ibid., p. 59). A partir daí, inicia-se a segunda narrativa de Hold, notabilizada por seu impulso de tentar dizer Lol. De que modo esse desejo de dizer Lol nos permite compreender o desejo masculino? Qual a relação entre a masculinidade e a necessidade de escrever a mulher?

Buscando responder a essas perguntas, nos detemos na investigação da partilha dos sexos, sobre o que é ser homem ou ser mulher. Nossa condição de seres falantes rompeu com a possibilidade de buscarmos na natureza uma regra pré-determinada capaz de definir, a priori, o que é o homem ou o que é a mulher, cabendo a nós, na condição de sujeitos, a difícil tarefa de nos posicionarmos nesta partilha fazendo uso da lógica dos discursos. Esse posicionamento ocorrerá ao longo de todo desenvolvimento da subjetividade a partir de elementos advindos, não exatamente do corpo biológico, mas "da leitura cultural da diferença anatômica entre os sexos" (Caldas, 2013, p. 02). Assim, para a psicanálise, a partilha sexual é uma longa construção em que o sujeito poderá vir a ser um homem ou uma mulher: "Em psicanálise, a sexualidade não diz respeito ao instinto, mas também não diz respeito à biologia; se assim fosse, o encontro entre um homem e uma mulher teria a simplicidade do encontro entre o macho e a fêmea" (Brousse, 2012, p. 01).

Dizer que não há complementariedade entre os sexos significa dizer que não há, também, um caráter natural ou biológico oriundo da relação entre o indivíduo e sua própria anatomia. Para o indivíduo moderno, “[...] seu reconhecimento como sujeito passaria necessariamente pela maneira com que ele é capaz de subjetivar uma sexualidade” (Safatle, 2019, p.38). Para que o sujeito se sustente enquanto tal, uma elaboração singular, que ultrapassa os signos culturais pré-estabelecidos dos gêneros, torna-se necessária, uma vez que a adequação, a normatização ou a aderência completa aos signos levaria o sujeito a permanecer em uma posição de objeto.

De acordo com Zanello (2018), tornar-se homem e tornar-se mulher na cultura atual diz respeito a uma divisão de trabalho, sobretudo, emocional. Partindo do senso comum, por exemplo, as mulheres parecem ser interpeladas pela cultura a atrelar sua existência aos afetos e aos cuidados, isto é, articulada a uma posição de dependência, enquanto aos homens parece ser exigida uma posição de independência, autonomia e individualização. Percebemos, desde a questão da anatomia até os signos culturais, a impossibilidade de tratar o feminino sem abordar o masculino ou de tratar o masculino sem abordar o feminino, ou seja, sem abordar a diferença entre os sexos, ao mesmo tempo que sendo um esforço de complementariedade, como se um completasse o outro, o masculino como complemento da falta no feminino. Entretanto, para a psicanálise, tal complementariedade não existe.

Portanto, partindo da premissa de que o sujeito é aquele que procura, na lógica dos discursos, sua localização na partilha dos sexos — o que o permite ultrapassar algumas normatizações e, conseqüentemente, construir sua singularidade — o presente artigo pretende investigar tal partilha na obra literária *O deslumbramento*, de Marguerite Duras (1964/1986). A investigação se inicia ainda no título da obra pois, de acordo com Fuentes (2012), o termo *ravissement*, título francês da obra de Duras, deriva do verbo *ravir*, originado do latim popular, que significa “apreender violentamente”, “raptar” e foi traduzido para o português como “deslumbramento”, podendo ainda ter o sentido de “arrebato”. Esses dois termos, deslumbramento (*ravissement*) e arrebato - ou ainda devastação (*ravage*) - derivam do mesmo verbo, *ravir*, e expõem uma importante dualidade que parece apontar para as diferentes conseqüências, nos homens e nas mulheres, da incidência da distinção anatômica na constituição de ambos como sujeitos.

A investigação da partilha entre os sexos se estende para a escolha narrativa, em que o personagem Hold se coloca na posição de dizer Lol V. Stein, como se tivesse sido capturado, raptado pelo enigma de Lol e não lhe restasse outro desejo que não o de escrever Lol, causando, em Hold, o que chamaremos de deslumbramento, ou, ainda, um esforço de recusa da castração, que não pode ser, de fato, recusada. Todo esse movimento se torna a causa da angústia, tanto de Hold quanto de Lol, pois evidencia que algo sempre escapa da enunciação significativa no deslumbramento. Hold não conseguirá, portanto, dizer tudo sobre Lol e ela permanecerá na

situação de arrebatada, apesar do esforço de Hold por dizê-la. Nesse momento, arrebatador e arrebatado se confundem e provocam, não um encontro, mas uma evasão, como formula Lacan, no texto *Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein* (1965/2003):

Mas se, ao calcarmos nossos passos nos passos de Lol, que ressoam em seu romance, nós os ouvimos a nossas costas sem haver encontrado ninguém, será porque sua criatura se desloca num espaço desdobrado, ou será que um de nós passou através do outro, e quem dela ou de nós deixou-se então atravessar? (Lacan, 1965/2003, p. 198)

À medida que Hold constrói o que estava por trás do olhar imenso e esvaziado de Lol sem que ela articule com as próprias palavras, ele se torna um arrebatador no sentido que Lacan concedeu à obra de Duras: ela, a arrebatadora, e ele, leitor, o arrebatado. Hold e Duras são capazes de deslumbramento pela capacidade de deter na linguagem algo que não pode ser, de fato, inscrito. Nós, leitores, e Lol somos arrebatados devido ao nosso desejo de sermos ditos, como na lógica de uma parceria amorosa. Ao localizar a sexualidade feminina dentro dessa mesma lógica, o que se observa são efeitos de arrebatamento do corpo feminino. O "deslumbramento em Hold" consiste em uma interpretação de colocá-lo enquanto provocador do deslumbramento e, portanto, um arrebatador.

Arrebatamento - essa palavra constitui para nós um enigma. Será objetiva ou subjetiva naquilo em que Lol V. Stein a determina? Arrebatada. Evoca-se a alma e é a beleza que opera. Desse sentido ao alcance da mão iremos desembaraçar-nos como for possível, com algo do símbolo. Arrebatadora é também a imagem que nos será imposta por essa figura de ferida, exilada das coisas, em quem não se ousa tocar, mas que faz de nós sua presa. Essa arte sugere que a arrebatadora é Marguerite Duras, e nós, os arrebatados. (Lacan, 1965/2003, p. 198)

Esse desejo de dizer A mulher se localiza na lógica fálica, em que o desejo masculino coloca, "no centro de seu processo, o lugar do corpo da mulher e de sua imagem, que é o lugar da beleza e da forma, e, simultaneamente, a função do desejo, privilegiadamente o desejo do homem, cujo olhar arrebatado dá consistência à feminilidade aleatória da mulher" (Braissier, 2014, p. 50). É por meio desse processo que a mulher "se faz um corpo, diríamos, graças à declaração do desejo masculino" (Braissier, 2014, p. 51). Esse fenômeno não é natural e relaciona-se com as possibilidades de discursos resultantes da partilha dos sexos. A mulher, por sua vez, para poder habitar o seu corpo de acordo com esse desejo masculino, tem, como recurso principal, mascarar-

lo, fazendo uso de semblantes. Esses semblantes operam nos limites do deslumbramento e, na partilha dos sexos, apontam para a potência fálica do homem em comparação à falta fálica da mulher. Por isso dizemos que o homem está deslumbrado. O homem está deslumbrado pela imagem que ele mesmo construiu da mulher. Não realiza a mulher propriamente dita, apenas os semblantes que depositou sobre aquele corpo, portanto não passa de um deslumbramento.

Assim, quando a mulher parte de tal deslumbramento para constituir sua marca identificatória, fica submetida ao desejo masculino para a operação da partilha sexual, pois desta, virão seus semblantes, ditos e discursos. Se, do lado masculino, localizamos o deslumbramento, podemos, do feminino, apontar para a devastação localizada mais para além da lógica fálica, mais especificamente onde o deslumbramento falha, evidenciando a permanência em uma posição de objeto, por parte da mulher, que produz efeitos de "uma perda corporal não simbolizável pelo significante fálico, uma não redução das imagens cativantes à imagem central do corpo, uma não inscrição do corpo no desejo do Outro" (Brousse, 2004, p. 65).

A investigação sobre a partilha dos sexos é, portanto, uma revisão teórica, desde as primeiras consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. Partiremos da compreensão de que a fórmula da fantasia aponta para a fatia masculina da sexuação, com manifestações de um gozo silencioso e fetichista. Esse seria o modo de gozar por meio do sintoma. Do outro lado da partilha, do feminino, encontraremos um gozo erotomaniaco, do corpo como todo, não limitado ao órgão fálico. Esse gozo suplementar feminino parece conduzir a mulher para a devastação. O termo devastação foi mais propriamente destacado por Miller (2016), a partir dos ensinamentos de Lacan, e podemos situá-lo do lado feminino em contraponto ao sintoma do lado masculino. Através da discussão desses conceitos psicanalíticos, analisaremos a partilha sexual que se constrói a partir da parceria estabelecida entre Lol e Hold na obra de Duras.

1. Breve apresentação da obra de Marguerite Duras

Toda a narrativa do livro gira em torno de um episódio definitivo assistido por Lola Valérie Stein num baile, em Tahla. Refere-se ao encontro entre Michael Richardson, noivo de Lol, com uma mulher mais velha, Anne-Marie que, segundo Lol, adentra o baile com "uma audácia impregnada de si mesma, por si só" (Duras, 1964/1986, p. 10). Michael e Anne-Marie dançam a noite toda e vão embora juntos. Após o baile, Lol manifesta sinais de prostração e sofrimento e sua única queixa era de sentir um cansaço em esperar: "Aborrecia-se a ponto de gritar. E na verdade ela gritava que não tinha nada em que pensar enquanto esperava, exigia com a impaciência de uma criança um remédio imediato para aquela falta." (ibidem).

Um certo dia, parou de se queixar e pareceu não esperar mais nada. Foi quando saiu à noite, pela primeira vez após o baile, vagando sozinha pelas ruas, até que avistou um rapaz

desconhecido e começou a segui-lo. Se casa com esse desconhecido, chamado Jean Bedford, “[...] sem passar pela selvageria de uma escolha” Quanto a Bedford:

Amava aquela mulher, Lola Valérie, aquela calma presença a seu lado, aquela adormecida de pé, aquele apagamento contínuo que o fazia ir e vir entre o esquecimento e os reencontros de sua lourice, daquele corpo de seda que o despertar nunca mudava, daquela virtualidade constante e silenciosa que chamava sua doçura, a doçura de sua mulher. (ibid., p. 24)

À pedido da mãe de Lol, Jean Bedford se muda de S. Tahla levando Lol para morar em U.Bridge. A esperança dessa mãe era de que o afastamento curasse a doença da filha. Lol nunca sentiu o desejo de rever a mãe e foi embora sem tristeza. A falta de desejo e de interesse parecem ser às principais características da condição de Lol, entretanto, percebe-se, ao longo da narrativa, a sobrevivência de um único desejo em Lol: reviver a cena do baile. Após dez anos em U.Bridge, o retorno para Tahla foi aumentando, progressivamente, seu impulso de reconstituir tal cena. Avista Hold na rua, um novo desconhecido, e segue-o em um ato aparentemente sem lógica. Mesmo sem conhecê-lo, segue-o, pois, suspeita que ele seja o tipo de homem que iria chegar no tipo de mulher que ela queria assistir: a mulher que pudesse substituir o seu olhar sobre Anne Marie Stretter. Lol avista Hold com uma mulher que ela havia conhecido, Tatiana, que havia segurado sua mão no baile durante a cena que lhe arrebatou e com quem havia estabelecido um certo tipo de amizade anos atrás, apesar do enorme distanciamento de Lol com qualquer pessoa que seja. Lol reconhece Tatiana e procura descobrir onde ela morava.

Lol convida Tatiana, Beugner e Hold para um jantar. A conversa entre Tatiana e Lol se resume ao baile. Bedford não participa muito da reunião. É músico e toca violino para não ter que estar presente. Beugner oscila de um incômodo a um interesse pela conversa entre as duas mulheres. Hold mantém-se interessado durante todo o tempo, deslumbrado por uma tentativa de compreensão: “Cada vez que uma delas fala, uma comporta se levanta. Sei que a última nunca chegará” (DURAS, 1964/1986, p. 78). Tatiana busca compreender o que se passou com Lol, uma vez que presenciou que Lol não sofreu durante a dança. Disse pensar que Lol amava a Richardson como a própria vida, mas Lol faz uma careta. Então, Lol diz que, durante o baile, só queria ver Stretter e Richardson. Hold compreende o que estava por trás do olhar imenso e famélico de Lol dirigido a ele.

Através da janela do Hotel des Bois, Hold mostra Tatiana a Lol, que assiste deitada no campo de centeio. Lol não quer que Tatiana saiba de nada, pois ela não entenderia. Quer ainda que Hold ame Tatiana como ama a ela. Ela ama aquele que deve amar Tatiana e está obstinada a

fazer de Hold uma perspectiva para o olhar na outra mulher. É a única obstinação de Lol que aparece em toda a obra de Duras.

2. Tempo de elaborar: Hold, a lógica fálica e o deslumbramento

Partindo do pressuposto de que Lol encarna o enigma que Hold tenta narrar, buscaremos compreender a lógica fálica como a primeira elaboração psicanalítica sobre a partilha dos sexos. Essa lógica, como o nome já antecipa, é uma lógica centrada no significante fálico, a saber, o pênis. Foi construída por Freud a partir da constatação da importância, ao longo do desenvolvimento psicosexual, da percepção dos órgãos genitais tanto para o menino quanto para a menina, e das consequências emocionais frente a tal diferença anatômica. Freud constatou que essa diferença provoca, na criança que observa, a elaboração de que o menino tem e a menina não tem, literalmente, o pênis. Esse ter ou não ter é interpretado como uma vantagem e uma completude atribuída a quem tem e como uma desvantagem e incompletude a quem não tem, levando a parte feminina à constatação de que se é, portanto, marcada por uma falta, ou seja, "no inconsciente, o sexo feminino só pode ser concebido enquanto ausência, enquanto corte em relação ao sexo masculino" (Brousse, 2012, p.02). Para a psicanálise, essa é a ideia advinda da comparação imaginária dos corpos: "É dessa comparação imaginária que Freud fez surgir a descoberta da castração do Outro pela criança." (Miller, 2016, p.4).

Em termos lacanianos, podemos nomear a descoberta da distinção anatômica entre os sexos, para a criança, como o encontro com o real do sexo. Esse encontro inaugura um importante passo para o processo de subjetivação, de tal modo que Freud localizou a anatomia, no desenvolvimento psicosexual, como destino, não como origem. A anatomia como destino se deve à constatação de que esse encontro, com o real do sexo, não foi um ponto de partida, mas um rasgo num certo ponto no percurso do desenvolvimento, capaz de provocar um furo que captura toda a atenção do sujeito e o obriga a elaborar sobre si.

Segundo Freud, antes desse encontro com a diferença anatômica, a sexualidade se manifestava no terreno da bissexualidade devido ao caráter polimórfico das pulsões, e não se atentava, portanto, às investigações a respeito das diferenciações inatas entre os dois sexos. No início do desenvolvimento psicosexual, o bebê constrói, seus primeiros vínculos, a partir de partes que o atravessam a exemplo da voz, do olhar e dos excrementos. No percurso do seu desenvolvimento, o bebê encontrará, finalmente, não só partes, mas a possibilidade de uma unidade para seu corpo, no seu encontro com sua própria imagem no espelho. Esse encontro chama-se estágio do espelho e tem a função de oferecer uma imagem estruturada que enlaça, pela incidência da linguagem no corpo, os objetos parciais da primeira infância, permitindo uma ordem ao caos de sensações e percepções.

Entretanto, apenas o reconhecimento da própria imagem no espelho não é suficiente para a estruturação de uma representação de si. É preciso que esse reconhecimento próprio venha acompanhado de uma validação simbólica por parte dos representantes da socialização, como o núcleo familiar e demais instituições. A estruturação da autoimagem é um processo, ao mesmo tempo, singular e coletivo, pois precisa ser ratificado pelo Outro, para que a criança possa se assujeitar à linguagem e advir como um sujeito.

Como resultado da experiência de constituição subjetiva, o sujeito neurótico constitui-se pela via da alienação a um ideal e da identificação a uma lei simbólica universal que lhe dá notícias da inadequação entre ideal, objetos empíricos e representações imaginárias (Safatle, 2017). Essa teoria da castração constrói, de acordo com André (1998), um saber sobre a falta e, portanto, o saber sobre o impossível em acessar a verdade do ser. Demarca também o lugar de exceção, que implica em uma esperança de restituir seu valor para a mãe, Outro primordial da criança. É o paradoxo da castração, que limita um gozo fálico justamente por constituir a norma da exceção.

A teoria da castração, que se apoia no mito do Édipo, representa a crença em restituir o valor que foi perdido quando o sujeito consentiu com a sua própria alienação simbólica: "Não é de se admirar, assim, que ele [Freud] empaque no ponto de conclusão de 'Análise Terminável e Interminável': a teoria da castração, embora permita explicar a construção da neurose, revela-se de fato impotente para fornecer a chave que permitiria sair dela." (André, 1998, p. 13). Lacan se detém sobre esse impasse e formaliza a passagem da impotência para o impossível como um ganho do final de análise: "A impotência é o efeito típico que gera o superego que se prescreve que se faça melhor e mais ainda. O impossível, ao contrário, eu nada posso quanto a isso, mais precisamente, isto não é da minha conta." (Soler, 2013, p. 91).

Apesar de a psicanálise tomar o falo como operador, para Coelho dos Santos & Zucchi (2006), há uma desproporção impossível de ser simbolizada no que concerne às sexualidades e à castração masculina e feminina. Para a sexualidade feminina, não há exceção à castração e, portanto, nenhum universal mítico para sustentar um ideal viril, bem como nenhum ideal particular colocado a partir do lugar de exceção como o que constitui a sexualidade masculina. Os efeitos da diferença de simbolização da sexualidade manifestam-se em Lol quando ela se permite ser dita por Hold e, nele, quando ele se coloca na posição de ter para dar significantes, sentidos e discurso a Lol. Na lógica fálica da partilha dos sexos, esse ter ou não ter (o falo) é interpretado como uma vantagem e uma completude atribuída a quem tem (Hold) e como uma desvantagem e incompletude a quem não tem (Lol).

Quanto aos ditos sobre si, Hold não demanda nenhum, muito menos que lhe garantam suas palavras. Acredita, mais especificamente, que Lol demandaria essa consistência por parte dele. Por esse motivo, narra, em um primeiro momento, uma história inventada de Lol: "E acredito, por conhecer essa mulher, que ela teria preferido que eu suprisse dessa maneira a

escassez dos fatos de sua vida.” (Duras, 1964/1986, p. 27). A mesma manifestação afirmativa dos semblantes acontece por parte de outros personagens masculinos na obra de Duras, sempre em comparação com o índice da falta fálica das mulheres. Um deles é Jean Bedford, casado com Lol, a quem ele dedica o seu amor. Lol traz uma pacificação a esse homem. O índice da falta fálica dessa mulher acena para a potência fálica de Bedford de forma a limitar seu gozo: “Ela agradava-lhe. Provocava o desejo de que ele gostava nas jovens que ainda não tinham crescido totalmente, tristes, impudicas e sem voz.” (Duras, 1964/1986, p. 21). Os termos “tristes”, “impudicas” e “sem voz” são alguns exemplos de semblantes oferecidos na obra de Duras para nos apresentar quem é Lol na vida amorosa com o marido. De modo semelhante, Brousse (2004) resgata da obra de Freud, o termo “cicatriz”, como uma das consequências psíquicas sobre o narcisismo feminino provocado pela lógica fálica na partilha dos sexos. Percebemos, portanto, que a lógica fálica produz diferentes efeitos sobre a mulher e sobre o homem, sendo que, para ele, o mesmo processo que produz uma ferida narcísica na mulher, acena para a fantasia de uma potência fálica masculina que, para Bedford, provoca sentimentos de proteção com os quais atua:

Ele [Jean Bedford] ama Lol. Mas, desapossado dela, é provável que fique assim: afável. A atração – como é estranho! - que Lol V. Stein exerce sobre nós dois, antes, me afastaria dele. Não acredito que ele a conheça de outra maneira que não seja pelo rumor de sua loucura antiga, deve acreditar que tem uma mulher cheia de encantos inesperados, entre os quais este, e não é o menor, de estar ameaçada. Ele acredita proteger a mulher (Duras, 1964/1986, p. 108).

O modo como os semblantes femininos acenam para o índice da potência fálica masculina representa, para o homem, o seu sintoma. Seria possível inferir que os homens se escondem por detrás de tentativas de deslumbramento para não terem que se deparar com o paradoxo que sustenta sua identidade de gênero e sexualidade? Esse poderia ser o motivo da infinidade de teorias sobre a feminilidade e poucos estudos sobre a sexualidade masculina. Para se proteger, através do deslumbramento, podemos inferir que o homem faz semblante de um arrebatador.

É possível notar, nos personagens masculinos deste livro de Duras, diferentes formas de arrebatador uma mulher, a partir do jogo de semblantes, ora oferecendo proteção, ora oferecendo ditos. Nota-se, em uma fala de Pierre Beugner, marido de Tatiana, o reconhecimento de que ser um arrebatador opera algo de interesse ao universo fálico. Nessa fala é possível perceber o jogo, em que utiliza da falta de índice fálico da mulher, para provocar um deslumbramento. Ao fazer uma suposição sobre o fator que interessaria Hold a se prender a Lol, é possível dizer que Beugner reconhece um desejo em si mesmo, o que o leva a ser o refúgio de Tatiana, aquele para quem ela sempre volta: “Pierre Beugner diz: - Lol V. Stein ainda está doente, você viu, à mesa, aquela

ausência, como era impressionante, e é provavelmente isso que interessa a Jacques Hold.” (Duras, 1964/1986, p. 117). Esse esforço por arrebatrar uma mulher nos permite inferir que o deslumbramento dialoga com o sintoma masculino.

Na investigação sobre a masculinidade, é possível resgatar, nos textos referentes às Contribuições à Psicologia do amor (Freud, 1910-1912/2013), elaborações sobre as condições das escolhas amorosas na vida adulta, tendo em vista a estrutura da neurose no complexo de Édipo. Freud aponta que essas escolhas ocorrem em paralelo às primeiras relações infantis, e que, apesar de não naturais, essas escolhas teriam características indomáveis e animais. No desenvolvimento psicosexual do menino, a mãe é o que determinaria a escolha de objeto feita pelo homem na vida adulta, em uma combinação de longas séries de condições amorosas, que Freud listou como o amor à mulher de um certo “terceiro prejudicado” (Freud, 1910/2013a, p. 336), o “amor à prostituta” (ibid., p. 337), a “facilidade” (ibid., p. 338) e a necessidade de “salvar a mulher amada” (ibid., p. 339). Hold, em um certo momento da narrativa, evidencia o que estava por trás do seu enorme interesse em compreender a falta de Lol. O fato de que só compreendemos o masculino, em oposição ao feminino, permite deduzir que Hold pretende cobrir uma falta em si mesmo:

Fulgurante achado daquele que os outros abandonaram, que não reconheceram, que não via a si próprio, inanição compartilhada por todos os homens de S. Tahla, tão definidora de mim mesmo quanto o percurso de meu sangue. Ela me colheu, me pegou no ninho. Pela primeira vez meu nome pronunciado não identifica. (Duras, 1964/1986, p. 84)

Quanto à feminilidade, o resultado da partilha dos sexos começa pela assunção de um impossível, a assunção da falta a ter, demonstrado, na obra de Duras, por meio do que Tatiana nomeia como “doença” ou “loucura” de Lol, uma certa despersonalização que gerou uma Lol inacabada: “Lol não pretendia apenas uma situação estável para seu coração inacabado?” (Duras, 1964/1986, p. 9). Esse processo inacabado se manifesta, por exemplo, na histeria. Safatle (2019) considera a histeria como uma estrutura que tem como fundamento o sofrimento diante da assunção de um corpo marcado pela diferença sexual, “Daí por que uma das características principais da histérica diz respeito ao modo de construir identificações que possam reforçá-la, por imitação, em uma posição feminina que aparece insistentemente em questão.” (Safatle, 2019, p.47).

O processo “inacabado” se mostra também quando notamos que, durante a maior parte da obra, Lol não insiste, não tenta e não se manifesta. Nem mesmo sobre seu desejo, que sempre foi retornar a Tahla. Um certo dia, é dada a oportunidade a Bedford de voltar a morar em Tahla.

Lol manifesta-se favoravelmente e "Jean Bedford deu-lhe esse prazer" (Duras, 1964/1986, p. 25). Quanto às narrativas sobre o seu arrebatamento até o retorno a essa cidade, restaram apenas suspeitas de sua loucura, por parte de alguns moradores e dos que presenciaram a cena em T. Beach. Hold escuta e decide dar consistência a essas narrativas e, para isso, decide investigar o que Lol havia feito em U.Bridge durante dez anos. Descobre que Lol não se ocupava com nada, apenas em organizar a casa, de modo obstinado e excessivo. Deixava tudo em ordem, preocupava-se em manter uma ordem imutável, recomeçando o mesmo ritual todos os dias. Gostaria de poder recomeçar o passado, sua verdadeira casa. Nada em Lol despertava uma atenção mais precisa, nada em sua maneira de se vestir ou de se comportar, toda a atenção sobre Lol era despertada pelo seu abandono no salão do baile em T.Beach. Lol escancara uma falta, e Hold passa a se interessar por ela quando percebe que pode lhe oferecer algo que tamponaria o seu vazio [de Lol ou de si mesmo?], em uma suposta troca fálica.

No entanto, sendo impossível que o deslumbramento tenha a potência de oferecer suplência completa à demanda feminina, tal esforço parece evidenciar, ainda mais, a disparidade fálica entre os sexos, na medida em que não se realiza por completo. Eis que se transparece a estreita relação entre o deslumbramento e a devastação. Na medida em que Lol permanece em uma posição de receber o que Hold tem para dar, os efeitos de devastação são notados no que escapa ao deslumbramento, ou seja, causado pelo próprio deslumbramento, abrindo espaço para um excesso de gozo que a devasta e faz com que ela busque por sua marca no corpo da outra mulher, ou no local em que Michael Richardson abandonou o deslumbramento que dedicava a ela, para dedicá-lo a uma outra mulher, Anne Marie Stretter.

A cada vez que Hold assume o semblante de ter o que dar a Lol, maior se torna a virtualidade da relação entre os dois, assim como a insuficiência do que ele tem para dar. Isso, devido ao fato de que o sintoma de Hold evidencia a reprodução dos papéis atribuídos ao homem, bem como o caráter não natural da partilha e a impossibilidade de reconstituir o que foi perdido na constituição subjetiva. Quanto à Lol, ficar na posição de receber tudo o que Hold tem a dizer sobre ela, evidencia a devastação feminina. É quando o jogo do arrebatador provoca não um deslumbramento, mas uma devastação. É também, nesse momento, que Lol chega a achar que fica melhor quando crê que Hold desapareceu: "[...] Sinto-me bem sem você desde que o conheci. Talvez seja nesses momentos, quando chego a acreditar que você desapareceu que [...] -...que fico melhor, que sou quem devo ser." (Duras, 1964/1986 p. 129).

Apesar disso, Lol goza da própria devastação, tornando-se indecisa quanto a Hold. Ele representa um arrebatador para ela, mesmo quando a coloca em sua "felicidade", no meio de uma triangulação que atualiza a cena do baile. A devastação não representa exatamente uma alternativa para a menina, após seu longo percurso de desenvolvimento psicosssexual, tornar-se mulher, pois teríamos a conclusão de que o vir-a-ser mulher estaria sempre associado a um

sofrimento. Pode-se dizer que Lol era também indecisa quanto ao antigo noivo, motivo pelo qual não sofre durante a dança entre Richardson e Stretter e sim no gesto específico de arrebatamento. O que a interessa é o deslumbramento como possibilidade de cobrir o índice de sua falta fálica. Ao falhar o deslumbramento, Lol planeja o retorno ao salão do baile em T.Beach.

Lol não encontra o que procura ao rever o salão do baile: "Ela vem, volta, levanta uma cortina, espia, diz que não é aquilo, que não há o que dizer, não é aquilo. Ela me toma como testemunha de seu insucesso cada vez que uma cortina cai, olha-me e ri." (Duras, 1964/1986, p. 135). Lol e Hold sentam-se na praia e Lol é tomada por uma tristeza abominável. Dirigem-se a um quarto de hotel e Hold começa a despi-la, em uma tentativa vã de eliminar a virtualidade existente entre eles. Lol cai em devaneios, ao se deparar com a posição de objeto para Hold, sem Tatiana. Para estar em sua felicidade novamente, preferia estar deitada no campo de centeio, assistindo a Hold e Tatiana pela janela do Hotel des Bois.

Essa é a cena final da obra, e causa uma certa angústia no leitor que percebe a impossibilidade de considerar a devastação como uma alternativa. Lol se tornou obstinada a recuperar a marca da singularidade do seu corpo e só pôde fazê-lo por meio do corpo de Tatiana em um processo devastador causado por um impossível de se escrever na repetição. Esse impossível, por sua vez, está relacionado à falta de uma marca identificatória para a mulher, ao índice de sua falta fálica, enquanto, em Hold, as sucessivas tentativas de deslumbramento consistem na tentativa de repetir a fantasia e evidenciar o gozo fálico como marca de sua identidade. Nota-se que onde há perda de identidade, há repetição, que ocorre por motivos distintos de reconhecimento, ao passo que a reiteração da perda de identidade do homem, na busca por se afirmar como um arrebatador, devasta a mulher da parceria. Por contar com o gozo fálico, ainda que a substituição do sujeito por esse gozo coloque o homem da parceria em uma posição de objeto, o homem não é tomado por um desnorteamento semelhante. Há uma desproporção impossível de ser simbolizada que se relaciona a diferentes níveis de assujeitamento.

Coelho dos Santos & Zucchi (2005) enfatizam que o impossível situa-se no nível do sexo e da diferença sexual, sendo que a construção teórica, que levou aos aforismos lacanianos "não há relação sexual" e "não há proporção entre os sexos", consideram também o impossível no nível do real do corpo, e não somente no nível da impossibilidade da relação intersubjetiva restrita ao campo dos significantes: "Observamos que para muitos analistas a diferença entre os significantes precede e prescinde da diferença anatômica. Aparentemente, eles acreditam demais na primazia do simbólico, ao ponto de cair no nominalismo, como denuncia Éric Laurent (2005)" (Coelho dos Santos & Zucchi, 2006, p. 120).

Freud respondeu às questões sobre o feminino e à diferença sexual pelos termos da identificação imaginária e falocêntrica. Ao passo que Lacan avança, nos seus desenvolvimentos teóricos, e apresenta uma proposta não naturalizada da diferença sexual, tomando a castração

como efeito de significante. De toda forma, a teorização que valoriza o significante chegará a um questionamento sobre a lógica fálica e a metáfora paterna. O falo não é capaz de significar tudo. Existirá algo que permanecerá “no registro do ser, ou seja, do que permanece como puro furo, lugar do gozo Outro. É a dimensão do filho não como falo, mas como objeto *a*, objeto da mãe [...]” (Miranda, 2017, p.104). É o que escapa à lógica fálica não podendo ser dito, real.

3. Um esforço de concluir: o gozo outro, Lol e a devastação

O percurso do vir-a-ser uma mulher parece partir do impossível da falta a ter que a levaria a fazer, da distinção, anatômica um destino. Este processo se torna trabalhoso para as mulheres, que terão de enfrentar os impasses da subjetivação dessa falta em meio aos semblantes oferecidos pelo homem, portador do pênis. Terão ainda de buscar uma saída em meio a eles, manejando-os e fabricando os seus próprios semblantes, buscando se elevar, do registro da metonímia, para o da metáfora. Quais seriam as formas de se atuar com o “menos” ou a falta? Para Miller (2010), a hostilidade aos semblantes do varão confere a via pelo “ser” como saída para a feminilidade da mulher, sendo uma saída mais próxima a um “tornar-se” ou um “vir-a-ser”, construindo sua própria alteridade. Essa via também confere fenômenos relativos à intensidade e à falta de identidade: “Há, entretanto, outra solução, ou outro registro de solução, que é a do lado do ser. Esta consiste em não tapar o buraco mas metabolizá-lo, dialetizá-lo sendo o próprio buraco, ou seja, fabricar um ser com o nada” (Miller, 2010, p. 05).

Se o Outro é barrado e incapaz de lhe fornecer o signo da sua identidade, para a mulher, o falo é reduzido a um semblante. É a partir desse reconhecimento, que elas “lembram aos homens que são enganados pelos semblantes, que não valem nada em comparação com o real do gozo” (MILLER, 2010, p. 16). O reconhecimento do falo como semblante, no que diz respeito ao gozo, deve ser considerado do lado da sexualidade feminina (Miller, 2010). Rangel (2016) segue percurso semelhante ao aproximar a clínica com a atualidade da histórica. Dessa forma, o tratamento consistiria em seguir a lógica do seu modo de gozo, “que implica o sacrifício do sonho da felicidade pelo falo e da universalidade do sentido paterno” (Rangel, 2016, p. 07).

Buscando uma compreensão dessa relação das mulheres com os semblantes na dialética do falo, a devastação feminina como objeto de investigação pode mostrar precisamente os efeitos catastróficos das impossibilidades em se dialetizar o “menos”. Essa impossibilidade também parece dialogar intimamente com as influências do ser materno e da cultura no que se entende por não transmissão de um traço simbólico para a identificação sexual feminina. A obstinação de Lol em obter a ilusão de uma marca que seria a representação da sua feminilidade mostra o processo inacabado de uma identificação de gênero, que indica como consequência “[...] dificuldade em aproximar vida afetiva e experiência de gozo sexual, qualquer que seja esse gozo.” (Safatle, 2019, p.54). Lol não sabe qual o seu lugar desejante. Está em lugar algum, não sabe dizer sobre o que

é, onde se situar, nem onde está ou para que serve o amor²; o que significa que a devastação refere-se à uma questão sobre a dinâmica das identificações, mais precisamente, sobre a falta de identificação de gênero da mulher. Ela quer uma marca que a fixe e que possa ser o marcador do circuito do seu desejo. A devastação como estrutural na mulher é o que permite inferir que há uma suscetibilidade em ser arrebatada pelo deslumbramento, evidenciando o momento em que o parceiro-sintoma se transforma em parceiro-devastação. Dessa forma, o insuportável para a Lol consiste em cair de objeto de Hold.

Ao se deparar com sua queda na posição de objeto, ela encarna a loucura e não consegue mais distinguir Tatiana de si mesma. Para Hold, por sua vez, o que é insuportável é o encontro com o gozo de Lol. Portanto, a angústia existe para os dois personagens, com um certo ponto de diferença: o sintoma masculino provoca o deslumbramento e se relaciona ao modo como a castração opera, quando ameaçada; e a devastação feminina, como resultado dessa queda na condição de objeto de desejo, relaciona-se a uma castração, de fato, efetuada. Hold não pede pela marca da sua singularidade, pois ela já estaria presente, o que não diminui a esperança em obter o reconhecimento e a confirmação de seu próprio valor. Para Lol, a marca que a fixa nunca se operou, de forma que o sintoma do parceiro a coloca em posição de objeto e pode causar seu arrebatamento.

Para assegurar sua posição de sujeito, a menina deverá retirar-se da posição de objeto do Outro. Com a impossibilidade de ser introduzida totalmente na lei do falo pela função paterna, o resultado é que a metáfora não pode operar de forma eficiente para atribuir ao sujeito o seu lugar de mulher, visto que o significante do falo é insuficiente para dizer a feminilidade. Dessa forma, a menina acabará, de alguma forma, excluída da representação, o que permite afirmar que a devastação é estrutural na mulher.

A menina não pode, então, deixar de se ressentir do limite dessa metáfora, seja recusando-a, seja denunciando seu aspecto de mascarada. Em consequência, se a menina — a menos que seja psicótica — se assujeita, exatamente como o menino, à lei fálica instaurada pela função paterna, nem por isso esta lei, para ela, vai operar por inteiro: a menina irá se situar ao mesmo tempo na lei e, em parte, fora-da-lei (André, 1998, p.181).

Se a experiência de constituição subjetiva é resultado da alienação a um ideal do eu e da identificação a uma lei simbólica universal, Brousse (2004) afirma que, na dialética social, a mulher se inscreve pelo avesso da alienação significante, de forma que a menina abandonaria os objetos na estrutura social da troca para colocar a si própria como objeto de valor de troca. Como resultado, a mãe permaneceria como um Outro real. Esse Outro encarnado em uma representação

global materna representa uma falha na constituição fálica, podendo ser significado também como uma demanda além-falo.

A criança ingressa na estrutura significativa pelo avesso da passagem da mulher na dialética social como objeto. Daí a dedução de Lacan: ou a criança abandona esses objetos fazendo-se ela própria objeto de troca, ou guarda esses objetos, para além do seu valor de troca. O falo barra portanto a satisfação de ser o objeto exclusivo do desejo da mãe. Formação do ideal do eu de um lado, gozo constituindo o objeto da mãe do outro. (Brousse, 2004, p. 60)

O que a menina demanda são representações da sua feminilidade na mulher, que está para além da mãe. Esse modo de inscrição está intimamente relacionado a uma estrutura em que não é o *objeto a* que mobiliza a parceria amorosa. Para a mulher, não é a fantasia que sustenta a realidade, mas o modo da função fálica que se sustenta por semblantes. Uma vez que o falo é reduzido a semblantes, o fracasso do semblante pode dar lugar ao arrebatamento: "Quando é a fantasia que sustenta a realidade, é o objeto *a* que é mobilizado pelo desejo no parceiro. Quando é a devastação, é o arrebatamento de seu corpo pelo parceiro que é imputado pelo sujeito a esse mesmo parceiro num 'amoródio' [hainamoration]" (Brousse, 2004, p. 67).

No texto *A feminilidade*, de 1933, Freud busca responder, dentro da lógica da comparação, a "como a mulher vem a ser, como se desenvolve a partir da criança inatamente bissexual" (Freud, 1933/2010, p. 269). Reconhece como medidas inconstantes, nesse período, os caracteres sexuais secundários e o próprio produto sexual. Agressividade e passividade seriam atributos psíquicos que partilhariam da mesma inconstância, cedendo ao princípio da diferença anatômica. Nomeia de "erro de superposição" (ibid., p. 267) o equívoco de pensar que se vê uma coisa só quando se trata de coisas superpostas, ou a arbitrariedade em divisões identitárias, do tipo ativo e passivo, ao observar o masoquismo também em homens: "[...] decidiram fazer 'ativo' coincidir com 'masculino' e 'passivo' com 'feminino.'" (ibidem).

Nesse texto, Freud se adentra no terreno do desenvolvimento psicosexual feminino em comparação ao masculino, e se questiona do porquê de todas as causalidades do complexo familiar, que justificam a ambivalência infantil, não serem capazes de alienar o menino do objeto materno, enquanto que a menina constituiria essa alienação tomando a mãe por rival. Brousse (2004) coloca que a ambivalência infantil, na relação com a mãe, não é o caminho que explica a constituição da sexualidade feminina. Essa constituição é resultado de uma falha no modo universal de se operar a linguagem e se relaciona intimamente ao que escapa à lei simbólica na mãe, colocando a troca fálica da menina como impossível: "Não se trata portanto de reduzir a devastação à devastação dual com a mãe. Freud já tinha tomado posição quanto a esse ponto,

mas Lacan vem também esclarecer as coisas, demonstrando que a relação mãe-filho é imediatamente situada no campo simbólico” (Brousse, 2004, p. 61).

No texto referente às Contribuições à Psicologia do amor, Freud percebia, nas mulheres, algumas similaridades aos homens por “estarem sob o reflexo da conduta dos homens” (Freud, 1912/2013b, p. 357), mas não relacionava a vida amorosa feminina aos mesmos fatores presentes na fantasia masculina, apesar de perceber a recorrência da busca pela satisfação pulsional na escolha de objeto da vida amorosa dos adultos: “Mas a psicanálise nos ensina que, quando o objeto original de um desejo é perdido em consequência da repressão, frequentemente ele é representado por uma série interminável de objetos substitutos, nenhum dos quais chega a satisfazer plenamente” (Freud, 1912/2013b, p. 361).

Freud não teorizou o percurso psicosssexual para além da lógica fálica e chega a um impasse nos estudos sobre a feminilidade. Restringindo a feminilidade ao falo, concebia a maternidade como única saída para conceder consistência fálica ao sexo feminino em uma suposta via da feminilidade normal, visto que compreendia o sofrimento histérico como uma falta de fixidez para a identidade feminina da mulher. A equivalência do filho ao falo mostra um entendimento da sexualidade que busca situar uma lógica imaginária para a sexualidade. No entanto, os impasses e os conflitos nos seus estudos sobre a feminilidade permitem deduzir algo do não significantizável na dialética social, algo que está para além do falo, tal como um enigma para a abordagem do feminino: o que quer uma mulher? Lacan elabora, a partir dessa lacuna deixada por Freud, alguns caminhos para o estudo do feminino como aquilo que escapa ao simbólico e que toma forma de um real.

Em *O seminário, livro 23: o sinthoma*, Lacan (1975-1976/2007) situa o fenômeno da devastação na relação com o parceiro. Se na relação com o gozo masculino a mulher situa-se enquanto objeto da fantasia, torna-se possível nomear o seu parceiro em termos de aflição e devastação devido à impossibilidade de o parceiro delimitar um gozo para ela. Nessa relação entendida como algo de um assujeitamento, o gozo feminino produz-se no lugar da aniquilação do sujeito. Considerando a não existência da relação sexual a nível do real do corpo, o gozo excessivo, para a mulher, no campo amoroso pode encarnar o impossível de suportar. Sobre a noção de parceiro-devastação, Fuentes (2012) associa à impossibilidade de reparar o furo da relação sexual: “Se uma mulher para o homem como sinthoma limita seu gozo, reparando o furo da ausência da relação sexual, um homem para uma mulher, em contrapartida, pode encarnar o impossível de suportar que nela reviva um gozo excessivo nem sempre desejável” (Fuentes, 2012, p. 156).

As manifestações da sexualidade feminina concernem tanto à demanda de ser dita pelo Outro quanto ao que diz respeito a relação com um objeto da parceria que fale e colabore no gozo da fala, que aponta para a tentativa de inscrever no simbólico o abismo da castração. No entanto,

Lol não encarna essa outra vertente do gozo e, no decorrer do livro, na verdade, ela mescla períodos de consentimento e de revolta frente a essa captura de ser dita por Hold. Tal alternância de Lol, de ser e de não ser dita por Hold, demonstra-nos que ser dita encarna o esforço de um arranjo simétrico da partilha dos sexos, que segue a lógica do sintoma masculino e parece fortalecer o gozo silencioso de ambos os sexos envolvidos. A questão que se coloca, ao final deste artigo, é que esse arranjo tem, como consequência, um percurso da mulher rumo à devastação.

Notas

1. Trabalho de conclusão do curso de graduação em Psicologia de Aline Brentini Junqueira, sob a orientação da Profa. Dra. Renata Wirthmann Gonçalves Ferreira, apresentado na UFCAT.
2. A mesma série de características descritas por Safatle para indicar o desnorreamento do desejo de Dora foi aplicada, aqui, à Lol.

Referências Bibliográficas

- André, S. *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1998.
- Brassier, V. Lol V. Stein: do deslumbramento à devastação. *Rev. Assoc. Psicanal. Porto Alegre*, n. 47, p.48-69, jul. 2014/dez. 2014.
- Brousse, M. H. Uma dificuldade na análise das mulheres: a devastação da relação com a mãe. In *Ornicar?: 1*. De Jacques Lacan a Lewis Carroll. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- Brousse, M. H. O que é uma mulher? Entrevista com Marie-Hélène Brousse. *Latusa Digital* Ano 9 - N. 49 – Junho de 2012.
- Caldas. H. A fala e a escrita da mulher que não existe. *Opção lacaniana online nova série*, ano 4, número 10, março 2013.
- Coelho dos Santos, T.; Zucchi, M. A. O fantasma e o real: sobre a desigualdade entre os sexos. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, Vol.18, N.2, p.109 – 123, 2006.
- Duras, M. 1986 *O deslumbramento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- Freud, S. A feminilidade [1933]. Freud, S. *Obras completas, volume 18: o mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- Freud, S. Sobre a mais comum depreciação na vida amorosa [1910-1912] (Contribuições à Psicologia do amor II). In Freud, S. *Obras completas, volume 9: observações sobre um caso de neurose obsessiva ["O homem dos ratos"], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013b.

- Fuentes, M. J. S. *As mulheres e seus nomes: Lacan e o feminino*. Belo Horizonte: Scriptum Livros, 2012.
- Lacan, J. *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- Miller, J. A. Mulheres e semblantes II. *Opção Lacaniana online nova série*, ano 1, número 1, março 2010.
- Miller, J. A., 2016. Uma Partilha Sexual. *Opção lacaniana online nova série*, ano 7, número 20, julho 2016.
- MirandaA, E. R. *Desarrazoadas: devastação e êxtase*. Rio de Janeiro: Contra capa, 2017.
- Rangel, M. L. Devastação, o que há de novo? *Opção Lacaniana online nova série*, ano 7, número 21, novembro 2016.
- Safatle, V. Permanecer histórica: sexualidade e contingência a partir do caso Dora. In *Faces do sexual: fronteiras entre gênero e inconsciente*. São Paulo: Aller, 2019.
- Zanello, V. *Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação*. Curitiba: Appris, 2018.

Citação/Citation: Brentini Junqueira, A. & Wirthmann Gonçalves Ferreira, R. (mai. 2019 a out. 2019). O deslumbramento como dois paradigmas distintos do impossível: um estudo da desigualdade entre os sexos. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 14(28), 53-72. Disponível em www.isepol.com/asephallus. Doi: 10.17852/1809-709x.2019v14n28p53-72

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos.

Recebido/Received: 02/08/2019 / 08/02/2019.

Aceito/Accepted: 04/10/2019 / 10/04/2019.

Copyright: © 2019 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.